

[ TT00637 ]

## A grande máquina

Roberto de A Martins

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

## A grande máquina

### A GRANDE MÁQUINA

Peça em quatro atos

Texto de Roberto de A. Martins

Personagens:

Professor Asclépio

Mecânico Yuri

Marta

Anita Iza

Rômulo

Ana

Nelson

Mestre

Banqueiro

três Jograis

### PRÓLOGO

(vão entrando em cena os três jograis, e anunciando a grandes gritos, conforme as falas abaixo, enquanto os atores indicados passam pelo palco, fazem uma mesura e se retiram:)

1º jogral - Atenção, senhores! Venham ver a sensacional mudança que não transforma nada! (passa o professor Asclépio)

2º jogral - Presenciem a luta pela construção do mais inútil dos aparelhos! (passa Marta)

3º jogral - Venham viver conosco o drama do marido traído que admira seu rival! (passa o Mecânico Yuri)

1º jogral - Vejam o louco que traz a lucidez à aldeia perdida! (passa Rômulo)

2º jogral - Extraordinário e lindo romance de amor de uma jovem que abandona o lar! (passa Anita Iza)

1º jogral - Vai começar "A Grande Máquina"!

3º jogral - A que horas vai começar?

2º jogral - Agora mesmo.

3º jogral - Mas é preciso dizer exatamente a que hora, minuto e segundo!

1º jogral - Para que isso?

3º jogral - Para que o público saiba quando viu a peça. Se não souberem, ficarão confusos quando alguém lhes perguntar: "Quando foi que você viu 'A Grande Máquina'?"

2º jogral - Não basta o dia? Hoje é sábado, dia 20 de outubro de 1977.

3º jogral - Não. É necessário ser preciso.

1º jogral - São 21 horas, 14 minutos e 12 segundos.

3º jogral - Mas a peça não está começando.

2º jogral - Quando eu bater palmas, a peça começará! E serão 21 horas, 16 minutos e 30

segundos do dia 20 de outubro de 1977 nesta cidade de Curitiba!

(bate palmas; ficam em silêncio, esperando. Entram Nelson e Ana e empurram ou carregam os Jograis para fora de cena. Em seguida voltam, e começa a peça.)

## PRIMEIRO ATO

(ao início, há 4 caixotes, de diferentes tamanhos, em cena. Um deles parece impossível de ser carregado por um só homem. Em cena estão Ana e Nelson. Ana está oscultando e examinando um caixote médio. Nelson está assentado sobre o maior.)

Ana - Não escapa um sussurro, um grito, uma canção. Não parece haver riso ou dor aí dentro.

Nelson - São apenas peças. Nada completo.

Ana - Certamente os mataram antes de encaixotar. A vida não entraria nessas caixas. Está tudo aí?

Nelson - Sim. Os superiores nos ordenaram que transportemos esses fardos. E neste envelope estão as instruções que levaremos.

Ana - É uma longa caminhada até lá. E o que estaremos levando para o meio daquele povo? A luz, ou a morte?

Nelson - Como encontraremos o caminho? Não há estrada que conduza à aldeia. Nem animal que pudesse percorrer toda a trilha até aquele mundo. Pelo menos, nenhuma besta que eu conheça.

Ana - Precisaria ser capaz de atravessar a nado o lago escuro; de arrastar-se e rasgar suas costas em túneis estreitos... escalar montanhas de pedras brilhantes e que queimam como o sal... nenhuma criatura poderia levar nas costas esses pacotes até lá.

Nelson - Exceto nós. Foi por isso que nos deram essa ordem. Nenhum outro animal poderia cumprir essa missão.

Ana - E nós? Podemos? Veja: são quatro monstros.

(a partir deste instante, passam a examinar o peso dos caixotes, e a tentar carregá-los, enquanto prossegue o diálogo)

Ana (cont.) - Como enfrentá-los? Precisamos de ajuda. E se os pássaros e os peixes não podem auxiliar-nos, devemos apelar para outros homens.

Nelson - Repartir o trabalho, e sermos desonrados perante todos? Nada disso. Vê: eu consigo carregar um destes grandes.

Ana - Mas cada um teria que levar dois. É impossível.

Nelson - Poderíamos equilibrar um deles na cabeça, e carregar outro nos braços.

Ana - Mesmo se eu conseguisse erguê-los, como suportar a caminhada de vários dias? Como atravessar os túneis e esgueirar-me sob árvores baixas? Como escalar os montes sem usar as mãos?

Nelson - Não sei. (pausa) Levemos somente uma parte, agora, e depois o restante.

Ana - Ir duas vezes até lá? Seria loucura. Se escaparmos com vida da primeira vez, devemos passar o resto de nossas existências agradecendo aos deuses!

Nelson - Mas poderíamos levar uma parte, e depois... (pausa)

Ana - E depois?...

Nelson - E esquecer o resto. Levar só uma parte.

Ana - Nelsinho, não sê doido!

Nelson - Que mais podemos fazer? Não somos super-homens!

Ana - E se descobrirem? Os superiores nos açoitarão e enterrarão em uma prisão sem luz.

Nelson - Como poderiam saber? Eu e tu não lhes diremos. E nenhuma notícia virá da aldeia para fora. Não há comunicação entre eles e o resto do mundo.

Ana - Mas eles saberão que só levamos uma parte. Irão conferir o conteúdo dos caixotes, de acordo com as instruções do envelope. Lá deve estar descrita a máquina toda.

Nelson - Podemos queimar o envelope. Ou modificar seu conteúdo. Os aldeões não compreenderão. E não poderão descobrir a falha.

Ana - Sinto forte atração e ao mesmo tempo pavor, por esta sua idéia!

Nelson - Não há motivo de temor. Eles jamais desconfiarão. Nada sabem sobre o que lhes levamos.

Ana - Mas acabaremos nos traindo, sem querer - talvez falando ao dormir. E será quase impossível fazer uma boa falsificação das instruções.

Nelson - Será divertido vê-los às voltas com uma máquina incompleta, tentando montá-la. Vamos abrir o envelope, e ler as instruções.

Ana (oscutando um caixote) - Nenhum ruído, sequer um murmúrio. Creio que não se vingará de nós. Abre o envelope, vamos ver as instruções!

(tudo escurece para mudança de cena; quando a luz se acende novamente, um dos caixotes menores desapareceu. Ana está sob o segundo maior caixote, e Nelson está espremido entre os outros dois; suas roupas e aparência estão como antes: um pouco desarrumados, mas as roupas não estão rasgadas, nem eles feridos. Estão em cena o Mestre e o Mecânico. O Mecânico retira de dentro da roupa de Nelson o envelope.)

Mestre - Abre o envelope, vamos ler as instruções!

Mecânico - Obedecerei, Mestre. Sempre se deve cumprir ordens dos que estão acima de nós. Mas o que faço com esses dois?

Mestre - Deixa-os, depois resolveremos.

(Nelson sai do lugar onde estava, com movimentos bruscos. Enquanto o diálogo prossegue, Nelson ajuda Ana a sair de baixo da caixa; depois, Ana passa a pensar sobre algo que a assusta e, às vezes, emociona; e Nelson fica observando o diálogo e tudo o que o cerca, pensando em algo agressivo, e zombando do que vê; Ana está voltada para dentro, Nelson para fora.)

Mecânico - Não vês que estão loucos?

Mestre - E isto é novidade? Já chegou algum homem são a esta aldeia? Quem já enfrentou o pântano que nos cerca, sem enlouquecer?

Mecânico - Vê os olhares deles: não gosto. Parecem-me loucos perigosos.

Mestre - Não há perigo. Lê as instruções, amigo.

Mecânico - Têm os olhos saltados, e suas costas e braços devem estar lacerados por carregar os fardos. Não entendo como chegaram. E se os interrogássemos?

Mestre - Só responderiam coisas sem sentido. Quer ver? Venham cá! (Ana e Nelson se aproximam) De onde vieram vocês? Como chegaram até aqui?

## A grande máquina

Nelson - Eu vim de lá (aponta para o lugar onde estava). Cheguei caminhando.

Ana - Vim de um mundo onde há sombras e luz, porém muito mais trevas do que brilho. Não sei como cheguei aqui. Algo me transportou, enquanto sonhava.

Mecânico - Parecem nervosos. Temo suas reações agressivas.

Mestre - Nada tema. Não vês como vieram docilmente? (para os dois:) Não quero desordens aqui, ouviram? Tratem de portar-se bem. Agora, podem ir-se.

(Ana e Nelson voltam aos lugares e pensamentos anteriores)

Mestre - Vês? São crianças perfeitas.

Mecânico - Se forem crianças reais, serão capazes de maldades. Mas como dizes que são crianças perfeitas, terei que aceitar que são bons.

Mestre - Mostra-me logo o que o envelope contém!

Mecânico (abrindo) - Há muitos papéis... ah, uma carta! Vê, é dos superiores! (estende ao mestre)

Mestre - Estou sem óculos, e sem óculos não consigo ler, portanto não posso agora ler a carta. Diz-me qual é a mensagem.

Mecânico (lendo) - É estranho... enviam-nos um aparelho, desmontado, e instruções para construí-lo... não está tudo nas caixas, há coisas que eles sabem que já possuímos, ou que podemos improvisar... deve ser este o significado da expressão: "não enviamos aquilo que já está em vocês".

Mestre - Mas o que é o presente? É a Grande Máquina que nos fora prometida?

Mecânico - É isso o que quero encontrar... Eles dizem: "Por muitas eras vossa aldeia esteve isolada do universo, e com isto deixou de participar das energias e da grande evolução cósmica. A comunicação entre nós continua difícil, e nada se tem conseguido que destrua essa estagnação. Mas este aparelho quebrará as vossas barreiras, e vosso povo será colocado em união com o novo mundo".

Mestre - Não entendo. É a grande máquina, ou não?

Mecânico - Não sei... eles não dizem o nome. Talvez nas outras folhas esteja mais claro... (procura)

(entram o Professor e sua filha, Anita; o professor deve ter uns 40 anos de idade, e a filha uns 20)

Professor - Bons dias, mestre! Bons dias, senhor mecânico! Ouvi dizerem de dois carregadores que atingiram nossa terra, e que trouxeram três volumes até cá.

Mestre - Ah, professor! Foi isso mesmo... (cumprimenta Anita) Desculpe-me, senhorita, meu entusiasmo; como está? Vê, professor, cá estão.

(o Mecânico se aproxima de Anita e lhe dá um beijo; depois afasta-se, e fica pensando na máquina, e olhando os papéis. Anita é noiva do Mecânico, e pensa em sua vida futura, de casada. Impacienta-se com a distração do Mecânico.)

Mestre (continua) - E creio que aí dentro está a Grande Máquina que nos foi prometida!

Professor - Mestre, estás a zombar de mim?!

Mestre - É a pura verdade, professor - pois a verdade é sempre pura. A carta que veio com os

carregadores explica o que é o aparelho.

Anita - (referindo-se aos loucos) - Eles não estão com fome?

Professor - Bem lembrado, querida. É preciso não nos esquecermos de nossos deveres humanos para com esses que, sem o saberem, talvez nos tenham trazido a suprema felicidade. Traz-lhes algo de comer, depressa, lá de casa. (Anita sai)

Mestre - Que jovem de bons sentimentos! Feliz é nosso amigo mecânico, que tem uma noiva tão cuidadosa! Jamais passará fome, mesmo que enlouqueça! Eu, confesso, quase me esquecia de alimentar esses pobres. Não por maldade, mas por distração, e também porque aqui na sede não há o que servir, e também porque não achei que tivessem necessidade, pois, como vês, ficaram loucos, e também porque não é hora de refeição.

Professor - Sim, era de se esperar que ficassem doidos. Senhor Mecânico, por favor, dá-me esta carta, e ajuda a noiva a dar-lhes de comer, quando ela voltar, para que não haja situações desagradáveis. Mas diz-me, Mestre; se é verdadeira essa notícia, o que faremos agora? (o Mecânico lhe entrega o envelope; o Professor examina o seu conteúdo)

Mestre - A carta diz que o aparelho romperá as barreiras. Não é isto o que estamos esperando?

Professor - Mas quais barreiras? Quando a promessa nos foi feita, eles não foram muito claros. Sabes que discordo de tua opinião, quanto ao que eles queriam enviar-nos.

Mestre - Para mim, não há dúvidas. É a libertação que chega.

Professor - Concordo com tuas palavras. Mas duvido que nossas idéias sejam iguais. De qualquer forma, cumpre-nos montar o aparelho, e verificar sua real utilidade. São só estas as instruções?

(o professor fica conversando em voz baixa com o Mestre; Anita voltou, e, com o Mecânico, está alimentando os carregadores)

Anita - O que estes trouxeram do outro mundo?

Mecânico - Três caixas, onde estão guardadas as peças para montar um aparelho que poderá revolucionar a aldeia.

Anita - Que tipo de máquina pode ser assim tão importante?

Mecânico - Não sei ao certo. É preciso estudar tudo direito, antes de dar uma opinião válida. Mas parece-me que será algo capaz de economizar trabalho, e permitirá que tenhamos maior produção, maior rendimento, maior progresso! A carta fala nas energias que serão colocadas a nosso alcance, graças ao aparelho.

Anita - Talvez isso seja bom. Mas há outras coisas mais importantes para nós, não é?

Mecânico - O que poderia ser mais importante?

Anita - Bobagem... não ligue. Às vezes sou muito egoísta, meus interesses são muito limitados.

(continuam a cuidar de Nelson e Ana, e quando terminam se aproximam do Mestre e do Professor, que conversam:)

Professor - Há muitas partes que são compreensíveis... outras usam símbolos estranhos, e há conexões que não parecem corretas, pelo que conheço...

Mestre - Pelo que tu conheces... E quer criticar o grande projeto que eles nos enviaram? Eles estão muito à nossa frente!

## A grande máquina

Professor - É claro. Isso não se discute. Confio plenamente na ciência que eles desenvolveram. Não pensei corretamente, quando disse que as conexões estavam erradas.

Mestre - Eles confiam em nós, e não podemos deixar de ser bem sucedidos. É preciso pensar no futuro, e trabalhar duramente, até obter o resultado planejado.

Mecânico - Sim, é o que faremos! Nossa aldeia demonstrará o seu valor! Construiremos essa bela máquina, muito superior a todas as outras!

Anita - Será mesmo bela, esta máquina?

Professor - Por favor, Anita, agora que já cuidou dos dois infelizes, vá para casa, ajudar Marta a preparar a refeição. Depois, eu irei. (Anita sai) O horário de almoço é sagrado. A repetição e o ritmo invariável estão por trás de tudo o que é bom.

Mestre - Não suporto mulheres por perto quando é hora de trabalhar e pensar. São muito boas em outros momentos, mas, cá entre nós, jamais perdem sua superficialidade!

Mecânico - Mas não importa. Cada um tem seu lugar. Nós somos feitos para um único papel, não para todos. Vamos nós à nossa função.

Mestre - Sim. Vamos planejar tudo, e dividir os papéis. Cada um estudará uma parte, e depois nos uniremos e construiremos o conjunto.

Mecânico - Estou separando para mim aquilo que entendo: (separa folhas de instruções) as engrenagens, as polias, os encaixes... o resto não me interessa.

Professor - (tomando para si outras partes) Eu me ocupo da parte elétrica.

Mestre - Deixem para mim a estrutura e o revestimento.

Mecânico - E aquilo que sobrar, que nenhum de nós pegar?

Professor - Sobrar? Não diga asnices, caro futuro genro. Na máquina, tudo o que não for revestimento e estrutura deve ser uma parte interna. E as partes internas serão ou mecânicas, isto é, possuindo movimentos macroscópicos, ou serão elétricas, onde o importante são os movimentos invisíveis dos elétrons. Não pode haver uma outra alternativa.

Mecânico - É verdade. Tão claro, não é? Ainda bem que estás aqui para nos orientar.

(mudança de cena: outro dia, na casa do professor. Estão em cena Marta e Anita. Pensam na chegada do professor e do mecânico. Conversam:)

Marta - Creio que já está tudo pronto para o casamento, não é?

Anita - Quase tudo. Até a casa está alugada, e mobiliada. O que mais poderia faltar?

Marta - Mas você não parece muito contente.

Anita - De fato, não compreendo o que desejo. Gosto muito dele, e será ótimo poder cuidar de sua comida, de suas roupas, e receber seus cuidados. Mas ele é tão distante... Veja, esta máquina é muito mais importante do que eu!

Marta - É verdade. Mas não sonhe coisas impossíveis. Os homens são assim, temos que aceitar tudo como é.

Anita - Nem sei se ele realmente me quer, ou se apenas deseja cumprir uma obrigação. Ele e papai estão sempre adiando tudo, e nem querem conversar sobre o casamento...

(entram o Professor e o Mecânico)

Professor - Olá, querida. Deus te abençoe, menina.

Mecânico - Boa noite, dona Marta. Olá, Anita.

Marta - Chegaram tarde. Trabalhando até agora? Como está o planejamento da grande máquina?

Professor - Ora, tudo chegará ao seu desenlace. Há certas dificuldades para compreender e completar as estruturas, mas tudo caminha. Devagar se vai ao longe. Mas agora, desculpem-nos, precisamos ir até o gabinete verificar umas idéias. (sai; o Mecânico atrasa-se um pouco)

Marta - Eu gostaria de entender um pouco disso, para poder ajudar... vejo que é tão importante, esse trabalho!

Mecânico - Esta obra é muito complexa. Mesmo o método de trabalho exige grande clareza mental. Antes, pensávamos que três pessoas eram suficientes para estudá-la: uma trataria da parte mecânica, outra da parte elétrica, e uma terceira da estrutura e envoltório. Depois, vimos que havíamos nos esquecido que poderiam existir detalhes térmicos e hidráulicos. Então, aumentou para 5 o número de especialistas exigidos. Pouco depois, vimos que era lógica a necessidade de outras dez pessoas - especialistas dos vários tipos de conexões existentes: elétrico-mecânica, hidráulico-térmica, e assim por diante. Tudo isso foi progressivamente compreendido graças ao nosso professor.

(professor volta, apressado, para buscar o Mecânico)

Professor - Ora, senhor Mecânico! Vais aborrecer as mulheres com todos esses detalhes!

Anita - Mas é assim tão complicada, essa máquina? Não pode uma pessoa, sozinha, compreendê-la e montá-la? Sempre acreditei que as coisas realmente importantes são simples, tão simples que é até difícil explicá-las.

Professor - Nada é simples. Tudo exige análise, ponderação, cálculos. O aparelho é construído por partes. Se compreendermos as partes e suas conexões, o todo será igualmente entendido. Não é lógico? Por isso, precisamos de cinco pessoas, para estudar os cinco tipos de elementos, e outras dez para pesquisar as conexões.

Marta - Ora, querido, não fiques nervoso! Tu entendes como são os jovens, que acreditam na magia. Mas deveríamos deixar de lado por uns instantes esse assunto, e tratar de algo urgente. Sabes que é preciso ir conversar com o padre e o juiz, e marcar uma data propícia para o casamento.

Professor - Sim, isto é muito relevante. Mas como se pode pensar em problemas pessoais, quando o futuro da aldeia está em jogo?

Mecânico - Realmente, estou ansioso à espera de nosso enlace. Mas é tempo de nos dedicarmos de corpo e alma à pesquisa do aparelho; o casamento produziria uma divisão de minha atenção, e portanto não é recomendável, agora.

Professor - Sim, o casamento é importante, mas deve esperar até o fim da grande obra.

Anita - Espero que essa máquina seja realmente importante. Afinal, já descobriram para que servirá?

Professor (encabulado) - Bem... estamos estudando suas partes. Não é possível ter-se uma idéia global desde o princípio. Cá para mim, estou convencido de que ela será capaz de alterar a estrutura mental de quem a utilizar.

Anita -e Mas essa mudança será boa? Qual será essa alteração?

## A grande máquina

Professor - Ainda não tenho certeza. Talvez só consigamos saber fazendo uma experiência.

Mecânico - Por mim, acredito que a máquina substituirá uma parte do esforço humano. A pessoa que a utilizar não precisará mais de uma grande força para transportar-se e efetuar suas tarefas. Ela substituirá uma parte do homem.

Anita - Alguns homens talvez pudessem ser totalmente substituídos por ela.

Professor - Agora, se nos dão licença, iremos a meu gabinete.

Marta - Claro. Não queremos atrapalhá-los.

(saem o professor e o mecânico)

Anita - Sinto pena e raiva deles. Pena pelo esforço que toda a aldeia está aplicando a essa geringonça. Raiva pela estupidez dos homens, que pensam que o mundo deve parar quando se voltam para suas idéias. E se parássemos nós, as mulheres? E se eles ficassem sem ter o que comer e vestir?

Marta - Eu creio que os compreendo. É válido todo este esforço, dos que tentam ajudá-los, fabricando ou emprestando tudo o que pedem: uma ferramenta, uma engrenagem. Estão lutando pelo que acham valioso. E isto é belo. Não vê, eles quase nem dormem à noite...

Anita - Mas sinto que há algo errado. Sinto que estão totalmente errados.

Marta - Eles erram, mas se corrigem. É verdade que falta um elemento essencial. A carta dizia claramente - até decorei este trecho, de tanto ouvi-los discuti-lo! - "Nada se obterá sem o uso do caos".

Anita - Sim, e ainda não descobriram que peça ou conexão se chama "caos". Nem sabem se é algo que veio nos caixotes, ou se é algo que deve ser obtido aqui.

Marta - Pois é. Talvez a palavra esteja errada. Os nossos dicionários só trazem um significado para a palavra "caos": confusão, desordem. Talvez só falte esse tal de caos...

Anita - Eles já montaram as peças várias vezes, dos modos que imaginaram, e nada se obteve.

Marta - Sim. Mas seu pai já classificou as posições e combinações possíveis de todas as peças. E agora, seguindo uma cadeia sistemática de alternativas, vão experimentar, passo a passo, cada uma das possibilidades. Está matematicamente provado que acabarão por ser bem sucedidos.

(entram Ana e Nelson; um deles carrega algo semelhante a uma corrente de bicicleta)

Ana - Dão licença?... O professor nos mandou sair do gabinete.

Marta - Sim, claro.

(Ana e Nelson brincam com a corrente)

Anita - Acho que nós precisaríamos ajudar na construção da Grande Máquina. Eu, principalmente, pois vejo que sem isso não haverá casamento. Se é que tenho realmente interesse em me casar com ele...

Marta - E ajudar como, querida? Não entendemos dessas coisas!

(entra o Mecânico, seguido logo depois pelo Professor)

Mecânico - Onde estão esses dois? Ah, estão brincando com a corrente! Meu Deus, imaginem se sumissem com isto!

(tenta tomar; Nelson e Ana correm, não entregam)

Ana - Deixa brincar! Tu tens muitas outras, e eu nada tenho!

Nelson - Dá-me aqui, eu escondo!

Professor - Seus moleques! Entreguem-me já isso, ou eu os levo para o hospício, para junto dos outros!

Mecânico - Preciso disso. Dou-lhes outra coisa para brincarem.

Ana - Precisa? Para que? Vocês não sabem onde encaixar essas coisas!

Nelson - Eu sei, eu sei onde ele vai enfiar isso!

Professor - Deixem já de brincadeiras!

Mecânico - Pronto, peguei!

(toma a corrente; Ana o olha com tristeza, Nelson com raiva; Ana tira do bolso uma engrenagem, e a acaricia.)

Ana - Diz, o que vais fazer com isto? (entrega ao Mecânico)

Nelson - Tu sabes onde isto se encaixa?

Ana (mostrando) - Vê: aqui há um buraco. Em que eixo ele se encaixa?

Nelson - Este buraco é quadrado. Eles são tão imbecis que vão procurar um eixo quadrado para encaixar aí.

Ana - Não, ele não é tão tolo assim. Sabe que é preciso enfiar aí um cilindro.

Nelson - Ou um cone.

Ana - Ou enfiar esferas negras como jabuticabas, que cairão uma a uma, transformadas em cerejas...

Nelson - Não! Uma cenoura! Uma banana!

Ana - Enquanto você não colocar seu nariz e sua língua na máquina, ela não funcionará.

Nelson - Vocês dividiram as peças por suas funções, e não pelas cores. Está tudo errado. Não vêem que a seqüência de montagem é preto - branco - cor-de-pavão - vermelho?

Ana - É preciso unir o duro ao mole, o quente ao frio, o áspero ao liso...

(Nelson salta sobre Ana, e tenta tirar-lhe a roupa. Ela ri-se. Marta e Anita se retiram. O Mecânico separa os dois.)

Mecânico - O que faço com eles, senhor professor?

Professor - Devemos levá-los para o hospício. Mas antes seria conveniente bater-lhes. Não por maldade ou vingança, é claro - isso seria irracional - mas sim porque a psicologia demonstrou que o castigo evita erros futuros. Reforço negativo, você sabe.

(entram o Mestre e o Banqueiro; o Mecânico os cumprimenta com a cabeça e sai levando Ana e Nelson)

Mestre - Boas noites. Íamos passando, resolvemos entrar.

Professor - Boas noites. Estejam à vontade.

Banqueiro - Desejava saber em que estágio se encontra o empreendimento da construção de nossa máquina, senhor professor.

Professor - Não muito avançado. A motivação é grande, mas as dificuldades imensas. É um

## A grande máquina

projeto que exige o máximo de nossos conhecimentos científicos.

Banqueiro - Mas o resultado compensará o esforço e os gastos? Toda a aldeia está desviando seu trabalho no sentido de cooperar com o projeto. Isso pode levar a sérios prejuízos econômicos e sociais, se durar muito tempo.

Professor - Não se pode apressar a evolução natural das coisas. Sempre é necessário sofrer por aquilo que desejamos.

Mestre - Mas dará certo vosso plano de atacar sistematicamente todas as combinações possíveis?

Professor - Era isto o que estava discutindo com o senhor mecânico, hoje. Provei definitivamente que o plano é irrealizável. Pois exigiria um tempo total de 325.836.420 séculos, caso empregássemos duas horas e quinze minutos na montagem de cada uma das possibilidades, interrompendo o trabalho oito horas por noite, duas horas para as refeições, e um dia e meio por semana.

Banqueiro - Mas então o projeto é absurdo! Não podemos construir nossa máquina, a não ser por milagre!

Mestre - Não há milagres, senhor banqueiro. Só ocorre o que pode ocorrer.

Professor - Mas tenho outra solução. Não precisamos ir fazendo tentativas cegas. Podemos planejar racionalmente a máquina.

Mestre - Podemos? Como? Este plano já não era racional?

Professor - Partiremos de uma análise dos objetivos, e desenvolveremos um estudo teórico que mostrará o modo de atingir-se esse objetivo. Pronta a teoria, podemos passar à prática

Banqueiro - Mas quem, de nossa aldeia, é capaz de planejar um invento como este?

Mestre - Ninguém. Se alguém fosse capaz, seria também capaz de montar as peças.

Professor - Ninguém. Cada um de nós é incapaz de fazê-lo. Mas uma equipe bem coordenada, auxiliada por calculadoras automáticas, poderá ser bem sucedida.

Banqueiro - É verdade, professor! Organizaremos uma grande empresa, que desenvolverá o projeto, e contará com apoio da administração local, e financiamento de nossos bancos.

Mestre - A reunião de centenas de especialistas permitirá a obtenção da grande síntese.

Professor - Um cronograma de trabalho fixará as etapas a serem atingidas. Começaremos com as pesquisas básicas e com a preparação de técnicos, de mão de obra especializada.

Banqueiro - E os técnicos assim treinados serão, posteriormente, úteis em outros setores da aldeia!

Mestre - Mas há uma pequena questão, senhor professor... Nós ainda não chegamos a um acordo sobre a utilidade do grande aparelho!

Professor - Mas isso pode ser resolvido de modo lógico e científico por uma equipe de especialistas em decisões.

Banqueiro - Mas tudo isso demorará muito tempo, e gastará muito dinheiro...

Mestre - Mas nossos netos e outros descendentes poderão usufruir dos resultados. Quantos anos e escravos não foram sacrificados na edificação das grandes pirâmides? Mas valeu à pena, não é? E aí está o resultado, até hoje, para que o contemplemos e admiremos!

(desaparecem o Professor, o Mestre, o Banqueiro. Aparecem os três jograis, com uma grande faixa ou cartazes: "Segundo ato: o grande projeto científico-tecnológico para a construção da Grande Máquina"; a peça continua, sem interrupção)

## SEGUNDO ATO

Jogral 1 - Instituiu-se o centro de pesquisas para a construção da Grande Máquina.

Jogral 2 - A fim de determinar a finalidade do aparelho, foi nomeada uma equipe de especialistas em decisões.

Jogral 3 - O primeiro passo era decidir o objetivo da grande máquina.

Jogral 2 - Mas antes disso era necessário definir o método a ser empregado nas discussões.

Jogral 1 - A equipe de especialistas em decisões instituiu um grupo de estudos de teoria das decisões.

Jogral 2 - Para integrar o grupo foram convidados os filósofos, sábios e políticos da aldeia.

Jogral 3 - O primeiro passo, agora, era decidir qual o critério para se escolher um objetivo.

Jogral 2 - Mas antes disso era preciso decidir quais os valores em que se basearia a escolha do objetivo.

Jogral 1 - O professor interveio, e demonstrou que não se podia exigir uma fundamentação de tudo.

Jogral 3 - Era preciso partir de um acordo preliminar tácito e convencional sobre os valores adotados.

Jogral 2 - A comissão, a fim de verificar os valores a serem adotados, fez um plebiscito.

Jogral 1 - A pesquisa de opinião permitira estabelecer uma base sobre a qual todos concordassem.

Jogral 2 - Não houve pontos em que todos concordassem.

Jogral 1 - Formaram-se partidos na aldeia, cada um defendendo sua opinião sobre a utilidade da grande máquina.

Jogral 3 - Houve debates públicos e comícios.

Jogral 2 - Houve brigas e violência.

Jogral 3 - A ordem foi perturbada, e a polícia proibiu discussões públicas.

Jogral 1 - Criou-se uma academia em que se permitia a apresentação de teses a respeito da teoria de valores.

Jogral 3 - Lá se discutia, racionalmente e sem brigas, a utilidade da Grande Máquina.

Jogral 2 - O professor propôs que, paralelamente, fossem realizadas as pesquisas científicas necessárias, e se tratasse da formação de técnicos e especialistas.

Jogral 1 - Para isto, foi criada uma universidade.

Jogral 3 - Nela se pesquisava sobre tudo.

Jogral 1 - Pois enquanto não se chegasse a um acordo sobre o objetivo, toda pesquisa era considerada importante e valiosa.

Jogral 3 - Lá se ensinava de tudo.

Jogral 2 - Pois todo conhecimento podia ser importante na construção da Grande Máquina.

Jogral 1 - Pesquisava-se a influência do teor proteico da mandioca na cor dos ovos das

galinhas d'angola.

Jogral 2 - Pesquisava-se a variação anual do número de lagartixas no museu da aldeia.

Jogral 3 - Pesquisava-se as conseqüências teóricas da possível existência de anjos que não soubessem matemática.

Jogral 1 - Ensinava-se a história do descobrimento da aldeia.

Jogral 3 - Ensinava-se regras de pontuação e acentuação de uma língua pré-histórica chamada "capui".

Jogral 2 - Ensinava-se o modo de se calcular o número de disposições possíveis de todos os aldeões em torno de uma mesa triangular.

Jogral 1 - Aos poucos tudo se normalizou, e foi estabelecido um ritmo constante de trabalho.

Jogral 2 - Os debates da academia eram nos sábados à noite.

Jogral 3 - As aulas durante as manhãs dos dias úteis.

Jogral 2 - As pesquisas nas tardes desses dias.

Jogral 3 - Ninguém tinha pressa, pois se confiava na inevitabilidade da vitória.

Jogral 1 - Todos confiavam nos membros da universidade e da academia, mas sabiam que a máquina demoraria a ser construída.

Jogral 3 - Passaram-se três anos e foi diplomada a primeira turma de professores.

Jogral 1 - Passaram-se quatro anos, e formou-se a primeira turma de filósofos.

Jogral 2 - Passaram-se cinco e seis anos, e formaram-se os primeiros engenheiros e médicos.

Jogral 1 - Passaram-se oito anos, e formaram-se os primeiros grupos de contestadores na aldeia.

Jogral 3 - Criticavam a academia e a universidade, e diziam que nada seria obtido.

Jogral 2 - Passaram-se nove anos, e o professor convocou uma assembléia geral da comunidade.

Jogral 1 - E discursou assim:

(Jogral 3 lê o discurso, imitando os modos do professor)

Jogral 3 - Excelentíssimas autoridades aqui presentes; colegas da sagrada academia e da venerada universidade; senhoras; senhores. Há muitos anos atrás, uma esperança de renovação agitou esta aldeia. A chegada de três caixas com peças e engrenagens, hoje enferrujadas e lançadas ao museu, trazidas do outro mundo por dois loucos, deu-nos a esperança de montar a Grande Máquina que quebraria nossas barreiras e nos colocaria em contato com o novo mundo. Até hoje, não atingimos esse objetivo. Em parte, porque o caminho é longo. Não podemos eliminar esse problema, que advém da própria natureza das coisas; mas poderíamos contornar um segundo: as lutas e dissidências que consomem grande parte de nossas energias. Se há posições divergentes, proponho que cada partido congregue seus adeptos e se lance à construção da máquina que almeja. Todos os grupos poderão utilizar os conhecimentos da universidade. Ao invés de nos atrapalharmos mutuamente, trabalhemos cada qual por seu ideal. Quanto a mim, todos já sabem: meu objetivo é construir o aparelho capaz de modificar a mente humana e tornar-nos tão inteligentes quanto os computadores eletrônicos, a fim de assim atingirmos a felicidade. Convido todos os que aceitam este ideal a unir-se a mim e trabalhar nesse projeto grandioso. E sugiro que todos os de opiniões diversas

## A grande máquina

se congreguem em grupos semelhantes, e trabalhem por suas idéias.

Jogral 2 - Metade da população achou correta a proposta do Professor.

Jogral 1 - A outra metade a achou absurda.

Jogral 2 - Pois temiam que alguns dos grupos pudessem utilizar os conhecimentos da universidade para projetos maléficos.

Jogral 1 - O próprio objetivo do professor não era aceito pela maior parte das pessoas.

Jogral 3 - Mas o professor formou um grupo de trabalho secreto.

Jogral 2 - Quarenta e duas pessoas uniram-se ao professor para construir a máquina de modificar a mente humana.

Jogral 1 - O trabalho foi planejado e distribuído.

Jogral 3 - Alguns cumpriam suas incumbências; outros, não.

Jogral 1 - Alguns desistiram. Outros ficaram

Jogral 2 - Várias vezes o plano de trabalho foi modificado, para tornar-se adequado aos membros do grupo e às novas descobertas.

Jogral 3 - Pareciam progredir aos poucos. Mas muitos desistiram.

Jogral 1 - Seis anos após o início do grupo secreto, havia 12 pessoas com o professor.

Jogral 2 - Reuniam-se nos horários planejados, e faziam o que estava previsto.

Jogral 1 - Tudo era feito com seriedade.

Jogral 3 - Após mais três anos, havia 5 pessoas com o professor.

Jogral 2 - Eram Marta, o Mecânico, e outros três aldeões.

Jogral 1 - Certo dia, esses três foram conversar com o professor, fora do horário de reunião.

(surge o professor; os três Jograis se transformam nos três aldeões, que vão falar com ele)

Aldeão 1 - Sabe, professor... nós três vamos ter que nos separar do grupo. Nada temos contra o projeto, ou contra o senhor. Ainda acreditamos que o mais nobre de todos os objetivos é este que animou o nosso trabalho durante esses nove anos.

Aldeão 2 - É isso mesmo, professor. Às vezes desanimávamos, e queríamos desistir, ser apenas pessoas comuns, como os outros da aldeia, que por nada lutam. Mas ao conversar com o senhor, voltava nosso ânimo. Sentindo suas idéias, parecíamos participar de um outro mundo, de uma sociedade já renovada. Isso nos fazia prosseguir.

Aldeão 1 - Embora tenhamos resolvido deixar por enquanto o grupo, não consideramos perdido todo esse nosso trabalho. Alguém prosseguirá. Quem sabe, com outras pessoas, será possível recomeçar...

Aldeão 2 - Eu soube que o electricista estava pensando em entrar no grupo. E o sorveteiro também, acho.

Aldeão 1 - O grupo não vai morrer. Mas cada um de nós tem seus problemas. Eu não tenho tido tempo para me dedicar à minha família, e vejo que a única coisa que posso abandonar, para que me sobre tempo é a nossa obra. Se eu ainda fosse solteiro, seria fácil... Não posso deixar de trabalhar, preciso ganhar dinheiro. Se esta nossa obra fosse remunerada, e tivéssemos condições de nos dedicarmos só a isso...

Aldeão 2 - É claro que eu não devo me intrometer em sua vida particular, professor. Mas acho que também o senhor deveria pensar mais em sua família. Não vê que Anita espera até hoje que se complete esse nosso estudo, para poder se casar com o mecânico?

Aldeão 3 - Todos nós estivemos lutando para nos mantermos unidos. Mas é difícil. Ele (aponta para o 2º) tem sido muito criticado no trabalho, pelos colegas que não concordam com nosso plano.

Aldeão 2 - É claro que não foi isto que me desanimou. Mas essa doença, que tive há pouco tempo, me enfraqueceu muito. E atualmente não me sinto capaz de fazer coisa alguma, exceto cumprir as obrigações em casa e no emprego. Quem sabe, quando me recuperar, talvez possa entrar de novo no grupo...

Aldeão 3 - Sabe, professor... a coisa mais importante para nós sempre foi esse projeto. Eu muitas vezes sacrifiquei outros interesses, o senhor sabe disso, pela nossa obra. Foi a primeira coisa em minha vida que realmente valorizei. Mas vejo que é tudo tão difícil, que me sinto sem forças... E agora, para me sentir feliz, preciso fazer algo que só dependa de mim, e que eu consiga realmente levar até o fim, sozinho. Algum objetivo próximo, palpável, e não tão obscuro como este nosso. Por isso, resolvi fazer o curso de direito, na universidade. Acho que é melhor. Pelo menos, vou conseguir chegar ao fim. Eu não havia contado nada a vocês, mas já fiz o vestibular, e fui aprovado. E preciso de todo o tempo livre, para estudar. Mas continuo interessado no projeto, e podem contar comigo, sempre que for necessário. Só não posso mais participar constantemente das reuniões, mas continuo com o projeto, em espírito.

Aldeão 1 - De qualquer forma, ainda restam Marta e o Mecânico.

Aldeão 2 - Sim. Podem recomeçar o grupo. Atrair mais pessoas.

Aldeão 3 - Estamos com vocês. Podem contar conosco.

(os aldeões vão se afastando, e fica iluminado apenas o professor. Pausa.)

Professor - Um é desviado por interesses mais palpáveis: pela família; outro é derrubado pelo esforço, e engolido pelo dragão do desânimo. O terceiro escapa para uma solução individualista: vai ser advogado. Se não são esses os motivos, serão outros, e pouco importa. Todos se vão. (pausa) Esta não é a primeira vez que isso me acontece. Em outros tempos, foram outras pessoas, situações diferentes. Mas dá tudo no mesmo. O mundo é monótono. (pausa) De uma vez, queríamos fazer um jardim - mas não um pequeno recanto, e sim cobrir essa montanha inteira com sombras, com verdes, com flores. (pausa) De outra vez, íamos conseguir distribuir em um só dia pirulitos de apito a todas as crianças da aldeia, e à noite fazer dançarem ciranda todos os adultos, a noite inteira, todos eles dançando, de tal forma que ninguém tivesse vergonha, nem pudesse no dia seguinte esquecer-se ou fingir que se esqueceram de tudo. Nem houvesse mais jeito de voltar atrás e destruir o passado, pois lá estariam os palitos dos pirulitos, e as solas gastas dos sapatos, e as marcas da dança no chão. E então, todas as semanas, seria repetida a festa dos pirulitos. Outra vez, iríamos construir uma jangada, com troncos de palmeira e latões vazios de óleo, e atravessar toda a costa do continente, comendo o peixe que arrancássemos das ondas, e o arroz que plantaríamos no mastro, e que serviria também de vela. Contaríamos estórias de serpentes e de fadas, em todos os portos onde parássemos, houvesse ou não gente a escutar. (pausa) De todas as vezes, fiquei sozinho. E para quê eu construiria um lindo bosque na montanha, sozinho, se depois teria que inundá-lo de lágrimas, em minha solidão? Para que fazer bailarem as pessoas, se eu não estivesse com elas? Para que enfrentar o mar escuro e atravessar a grande água, se nela ou fora dela não encontrasse companheiros? Agora, mais uma vez, o sonho se cansou. (pausa)

## A grande máquina

(aparecem, devagar, os Jograis)

Jogral 1 - Morreu uma alma.

Jogral 2 - Terminou a esperança.

Jogral 3 - O anseio antigo se quebra.

Jogral 1 - Não há mais planos.

Jogral 2 - Não restaram ideais.

Jogral 3 - Tudo deu no vazio.

Jogral 1 - Quem sabe, recomeçar de novo?

Jogral 2 - Cale-se! Chega de tentar!

Jogral 3 - Quem sabe, com outros companheiros...

Jogral 2 - Deixa! Liberte-se da ilusão!

Jogral 1 - Carregou nas costas os pecados do mundo.

Jogral 3 - Viveu a vida do homem-herói.

Jogral 1 - Sofreu a sina dos abandonados.

Jogral 2 - Basta, desejos impossíveis!

Jogral 3 - Chega de lutar, de lutar, de lutar...

Jograis - Não vou mais lutar pela máquina!

(aparece Marta)

Professor - Marta, minha amiga; o pescoço e os ombros me doem. As costas estão gastas e dobradas, não consigo endireitar-me e erguer o rosto. Faça-me um favor: um pouco de massagem, aqui, até amolecer esses músculos tensos, até afrouxar a máscara de meu rosto, até que saia daqui este peso, até que eu possa dormir um sono sem sonhos.

(Marta se aproxima, enquanto o professor fala. Massageia-o um pouco, ele se deita; ela continua mais um pouco. Examina-o, como se estivesse vendo se morreu. Afasta-se dele e dirige-se ao público.)

Marta - Asclépio dormiu.

Jogral 1 - O professor Asclépio adormeceu, abandonando a luta.

Marta - Asclépio dormiu. Estava cansado.

Jogral 1 - Também ele é fraco. Também ele se cansou.

Marta - Asclépio nada pode fazer só.

Jogral 1 - Todos tem sua desculpa. Também ele tem uma.

Marta - Asclépio lutou mais do que qualquer outro.

Jogral 1 - Por um sonho tolo, que agora abandonou.

Marta - Não, por um sonho de grandeza, que não traiu.

Jogral 1 - Que traiu agora, pois está dormindo sem sonhos.

Marta - O sonho que era dele, pois empenhou nele dezoito de seus anos!

Jogral 1 - Mas ele matou esse sonho, Marta, por fim ele o matou!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

(Marta volta-se, com ódio, para o Jogral 1. Pausa. Depois volta-se de novo para o público. Os Jograis também vão até o proscênio, e fitam o público.)

Marta - Sim. É verdade. Asclépio é fraco. Asclépio abandonou a luta, e não voltará a ela. Ele foi vencido, sim. Mas digam-me vocês: quem lutou mais do que ele?

Jograis - Quem é melhor do que Asclépio? Você? (repetem várias vezes, ao público)

Marta - Talvez você nunca tenha abandonado um sonho, porque nunca teve um.

Jograis - Você já tentou construir a Grande Máquina? (repetem)

Marta - Você nem mesmo por um instante abraçou uma luta de grandeza. Dos que já quiseram construí-la, quem não abandonou a máquina? Quem não a traiu?

Jograis - Você acaso vive seu sonho? (repetem)

Marta - Quem não desistiu da máquina?

Jograis (do palco, ou invadindo a platéia) -

Você, também, deu mais valor à sua vidinha burguesa.

Você se sentiu só, e buscou o calor da massa medíocre.

Você desistiu, porque viu que era fraco, e que o sonho era maior do que você.

Você quis ser diferente dos outros. Desejou subir, pensou em romper as barreiras. Desejou atingir o novo mundo. Mas recuou, e está aqui.

Você recuou, fugiu, e tentou se esquecer de tudo, fingir que jamais tivera sonhos, ou que eles nada valiam.

Você está afundado na mediocridade, mentindo a si mesmo, aceitando mentiras dos outros, fingindo não ter se traído.

Marta - Quem não desistiu da Grande Máquina? (gritando:) Traidores! Assassinos de suas almas! Vermes filhos da puta!

(os Jograis e Marta se retiram rapidamente. Entram na platéia outros atores, vendendo pipocas.)

INTERVALO

## TERCEIRO ATO

(aparecem os Jograis, com faixa ou cartaz: "Terceiro Ato: o caos, ou a destruição da Grande Máquina." Em cena está Asclépio, deitado exatamente como antes. Mas, quando se levanta, todos vêem que agora é um jovem, de uns 20 anos. Dois dos Jograis, que estão em cena, olham para Asclépio. Marta entra, em silêncio, verifica se Asclépio está vivo, e sai.)

Jogral 1 - Asclépio dormiu nove meses.

Jogral 2 - Asclépio acordou no décimo mês, sacudiu-se e olhou em volta.

(Asclépio se ergue, acordando)

Jogral 1 - E riu um riso amargo, como o de uma hiena.

(Asclépio ri)

Jogral 1 - Depois de acordar, Asclépio soube que Anita já se casara, com o mecânico.

Jogral 2 - E Asclépio riu-se, riu um riso amargo, como o de uma hiena.

Jogral 1 - Na face de Asclépio estava agora gravada a caricatura do riso.

Jogral 2 - O desprezo por si mesmo, por todos, pelo mundo.

(saem de cena os Jograis; entra o Mestre)

Mestre - Bons dias, professor!

Asclépio - Oi, Mestre. Como está tudo por aí hoje, na cidade?

Mestre - Tudo bem. E ainda estará melhor quando tu voltares a lecionar e a trabalhar na construção da Grande Máquina, agora que estás recuperado.

Asclépio - Eu esperava que você tocasse nesse ponto. Para mim, não há mais máquina.

Mestre - O que? Meu Deus, o que aconteceu?

Asclépio - Homem, chega do brincadeiras. Tudo isso foi uma grande farsa, e ela já não me interessa.

Mestre - Creio que é melhor conversarmos em outro dia, senhor.

Asclépio - Por que não agora? Sinto-me muito bem, esteja certo disso. Nunca estive tão lúcido quanto agora. Estava louco, como muitos ainda estão, mas já estou desperto.

Mestre - A máquina não te interessa mais? O que te motiva, agora? Qual foi a mudança de valores?

Asclépio - Valor? Nada, Mestre. Nada. Nada tem valor, nada me motiva. A partir de agora, viverei com meu rosto desnudo frente ao absurdo que forma este mundo. Criamos para nós mesmos deuses, mitos, ideais; mas nada é válido, nada tem sentido.

Mestre - Senhor Asclépio, nós o ouvimos muitas vezes defender suas idéias. Posso descrevê-las de cor: O objetivo máximo do homem é a felicidade; e tu queres ajudar nossa cidade a atingir esse objetivo. A felicidade é obtida quando a vida não apresenta mais problemas. E para resolver os problemas infinitos e mutáveis que nos cercam, é necessária a inteligência. O aumento da inteligência trará a felicidade. Por isto, é válido e importante construir-se a máquina que vosso grupo idealizou. Cá para mim, continuo achando que nossos problemas poderiam ser resolvidos se pudessemos entrar em contato com o outro mundo; mas respeito e admiro o vosso trabalho.

Asclépio - "Aumenta o conhecimento, e aumentarás a dor..." Nunca ouviu isso? Olhe, Mestre, felizes são os imbecis, não os inteligentes. Bem-aventurados os tolos, pois para eles isso aqui é o reino dos céus.

Mestre - A história da humanidade é a história da evolução do pensamento e da inteligência.

Asclépio - E da evolução das guerras, da exploração do homem, do aumento de sua capacidade de fazer o mal, de seu egoísmo.

Mestre - A libertação de seus instintos, de suas necessidades animais, em direção a uma vida cada vez mais espiritual.

Asclépio - Libertação? Libertação de seus instintos? Não, Mestre. Os instintos e as necessidades estão aí, ainda. Talvez disfarçados, mas estão aí. O que nos move, a nós todos? Certamente não é a razão. Pois gastamos muitos dias nos convencendo de que algo é bom e válido, e depois não o fazemos. Fazemos o que nossos apetites nos mandam. Nossos interesses mesquinhos e egoístas, que nada são além de instintos disfarçados. Por que eu me interessava pela Grande Máquina? Altruísmo? Não. Vaidade e instinto gregário. Queria companheiros, como os animais também buscam companhia. Só isso.

Mestre - Espero que o senhor esteja pelo menos disposto a continuar lecionando.

Asclépio - Claro que sim. Sabe por que? Porque me dá prazer mostrar que sei mais do que os alunos. Porque gosto de humilhá-los e fazê-los sofrer, estudando, e tremer, frente aos exames. Sim, continuarei a ser professor. Mas agora lecionarei a história da humanidade. A verdadeira história, a da evolução do erro e do absurdo. Farei com que vejam o que é o homem, na realidade - essa máquina absurda e sem sentido, mas dotada de consciência, e cuja conquista suprema é descobrir que é um absurdo. Farei com que eles desprezem a humanidade, tanto quanto os médicos nos odeiam, porque nos conhecem, e a si mesmos, e a mim, que me odeiem porque os odeio e quero destruir-lhes o paraíso.

(enquanto Asclépio está falando, entra Anita; ouve o final da fala, e entende a posição de Asclépio.)

Anita - Você poderá destruir tudo, Asclépio. Pode provar que não prestamos, que somos estúpidos, e que a máquina é impossível de ser montada. Mas havia uma certa beleza em sua idéia antiga, e isso não existe mais. Era bela a sua dedicação, o seu entusiasmo. Agora, o que sobrou em você? Mas você não pode destruir o passado, e a beleza que conseguimos perceber.

Asclépio - E daí? Faz alguma diferença a beleza? É consoladora, mas é mais importante não mentirmos a nós mesmos.

(fitam-se rapidamente; Anita volta-se para o Mestre)

Anita - Mestre, há pessoas que o procuram. Chegou um homem do outro mundo.

Mestre - Não diga! Há quanto tempo não recebíamos coisa alguma de fora!

Anita - É um louco.

Mestre - Era de se esperar. Ninguém atravessa o pântano sem enlouquecer. Mas o que ele trouxe?

Anita - Nada.

Mestre - Nada? Isso nunca aconteceu. Ninguém vem para cá, a menos que seja mandado. E quem é enviado traz necessariamente alguma mensagem.

Anita - Ele nada trouxe.

## A grande máquina

Mestre - Peça que o tragam até aqui, por favor. (Anita sai; o mestre fala a Asclépio:) Estranho isso, não é?

Asclépio - Alguém se perdeu, e veio até cá.

Mestre - Sim, poderia ser. Mas não gosto disso. Jamais ocorreu, antes.

Asclépio - Agora aconteceu. Incomoda-nos uma quebra de nossos hábitos mentais, não é? Mas o mundo não quer saber se nos incomoda. Ele está aí, ele faz o que quer.

Mestre - Vê: chegou. Aproxima-te!

(entra Rômulo)

Mestre - Parece não trazer coisa alguma. Dize-me, tu nada trouxeste para nós? Nenhuma mensagem do outro lado?

Rômulo - Trouxe tudo de que vocês precisam.

Mestre - Onde está, então?

Rômulo - Aqui. (não se move)

(mestre se aproxima dele, e o revista)

Mestre - Não... nada, aqui. Já devem tê-lo revistado, antes. É um idiota.

Asclépio - Você está muito mais limpo do que qualquer outro que já chegou até aqui. De onde veio?

Rômulo - Da rua.

Mestre - Não, idiota. Antes disso, onde estava?

Rômulo - Em outra rua.

Mestre - É inútil. Vamos colocá-lo junto com os outros.

Asclépio - Ainda há lugar para mais um, no hospício?

Mestre - Bem... o velho hospício desabou há três meses, com umas chuvas. Os insanos estão instalados, provisoriamente, em uma ala do museu.

Asclépio - No museu! Mas não vão destruir tudo?

Mestre - Não há perigo. Estão ocupando salas quase vazias. Lá só existem as antigas peças da grande máquina, que já foram suficientemente estudadas e reproduzidas, e podem ser estragadas à vontade.

Asclépio - Gostaria de rever a máquina.

Mestre - Não há muito o que ver. Tudo enferrujado e gasto.

Asclépio - Enferrujado, quebrado... não faz mal. Não é tudo assim mesmo? Sob uma aparência limpa, tudo podre. Sob uma casca lisa, vísceras desarranjadas. Pelo menos poderei ver algo autêntico: uma coisa realmente suja e gasta, que ninguém tenta ocultar. Aí está a beleza: na coragem de exibir a feiura. Pois todos somos seres feios, horríveis. Diga-me, Mestre, já observou com cuidado um homem nu? Existe algo mais feio do que os órgãos sexuais? Duvido que haja coisa mais desagradável. Mas todos nós os temos, não é? Somos todos iguais, aqui. Melhor seria exibir essa feiura, do que escondê-la.

Mestre - Senhor Asclépio, vou-me embora. Seria bom que repousasse um pouco.

Asclépio - Chocou-se? Não faz mal. Vamos até o museu, levar este novo morador?

Mestre - Em outro dia. Outro dia. Agora vou andando. Passar bem, senhor...

(saem o Mestre e Rômulo. Asclépio fica só, zombeteiro. Volta-se para a platéia.)

Asclépio - Estou muito agressivo, não é? Estou aborrecendo todo o mundo. E daí? Eles também me aborrecem. Com sua mediocridade e cordeirismo. Conhecem a estória do lobo que se vestiu com a pele de cordeiro? Pois é: alguns se esqueceram de que eram lobos, ao ver o próprio reflexo na água. E depois de algum tempo, quando entrou no rebanho um novo lobo com pele de cordeiro, descobriu que todos eram como ele. Todos gostam de ocultar de si próprios o que realmente são. Alguns nem mesmo sabem o que são.

Vocês aí também me aborrecem. Povo de minha aldeia! Vocês são uns estúpidos, é o que eu acho. É uma sorte que eu esteja aqui, no palco, e vocês na platéia. Posso dizer o que penso, e vocês ainda me pagam para insultá-los. Se estivéssemos cara a cara, na rua, você acha que eu poderia falar isto? Aqui posso. Estúpidos! Sei que nenhum de vocês vai subir para brigar comigo. Nem vai ficar indignado e sair. Porque isso tudo é uma peça, não é?

Não interessa se realmente quero agredi-los. Vocês podem se justificar assim: "eles nos agrediram só de brincadeira". Não é não, estúpido! É pra valer! O que são vocês? São cascas. São invólucros, aparências cuidadosamente construídas e mantidas. Máscaras. As roupas para esconder o corpo nojento. A pintura no rosto para esconder as rugas, os buracos e as manchas. A peruca. Os cílios postiços. O teatro, de vez em quando, para criar uma casca cultural e esconder o vazio humano. Por que estão aí sentados, ao invés de fazer algo útil? São passivos. O que interessa é sentar-se bem comportado, com ar inteligente, tomando cuidado para não bocejar, arrotar, nem peidar, não deixar escapar o ar por nenhuma extremidade, para que ninguém perceba que por dentro você está podre, está em fermentação, ou está cheio de refrigerante.

E o que eu acho de mim? Outra bosta. Sirvo-me desta casca de ator para agredi-los.

E estou suado e fedendo. Alguém quer me cheirar? Não? Vocês só querem me ver e ouvir, de longe, não é? É muito mais higiênico, mais civilizado. Quem quer me lambar ou tocar? Ninguém? Então não há nada a fazer se não continuar com a peça. Senão fica feio, né? Se eu parar aqui a representação, e for embora, o que vocês vão achar?

Olhem, eu acho que já pagamos o dinheiro de vocês. A gente podia parar, agora. Mas aí a estória não termina, não é? E a história terminou? A vida de vocês acabou? Sua vida tem mais sentido do que tudo isso que lhe mostramos? Se tivesse, você não estaria aqui, querendo se esquecer um pouco de sua vida. Vocês querem que a peça tenha um sentido e um fim, para preencher o nada de vocês, para completar a história incompleta de vocês próprios.

Está bem. Eu vou continuar. Porque acho que vocês são tão desprezíveis que merecem o que deseja.

Onde parou a peça? Ah, eu queria ir até o museu, e o Mestre não quis me levar. Esperei uns dias, e fui até lá. Aí vou eu. (anda pelo palco) Já cheguei. (aparecem Ana, Nelson e outros loucos, incluindo Rômulo). Olha aí os malucos.

(os loucos não estão parados; estão realizando ações que se adaptam às falas seguintes de Asclépio; em cena, estão as 4 caixas, da Grande Máquina)

Asclépio - (cont.) - Vocês acham que existe aqui alguma coisa interessante para ver? Tem nada, não. Os loucos são pessoas chatas e sem graça, como nós. Ficam repetindo ações monótonas, durante um longo tempo. Como você, quando põe em prática seus hábitos de ler jornal, ou assistir televisão. É monótono. Sempre as mesmas emoções. Ou quando se

## A grande máquina

masturba. Uma ação monótona. Os movimentos rítmicos são muito comuns, entre eles e entre nós. A música e a dança se originaram daí, da mesma fonte que o ato de mamar.

Os loucos gostam muito, também, de babar e colocar coisas na boca. Chupam o dedo, ou qualquer coisa redonda. Eles usam qualquer coisa, e é desagradável de se ver; não é como o cigarro, que todo mundo vê e não acha feio; nem parece um substituto dos peitos da mamãezinha que desmamou vocês muito cedo. De vez em quando um louco faz algo interessante, diferente. As crianças também. É porque nem mesmo sabem repetir as nossas rotinas. São máquinas estragadas. Fazem coisas curiosas, como as que podem surgir quando se dá uma tela e tintas a um macaco, ou quando se bate ao acaso as teclas de uma máquina de escrever. Dessas falhas, dessas irregularidades, nasce a evolução humana. A genialidade é só isso: o surgimento de coisas que não estão no ritmo natural, constante. Nós, os bem comportados, tomamos a loucura, e a sistematizamos em uma nova monotonia. Assim evoluímos. Aqui vocês vêem a si próprios. Suas sombras, o resíduo infantil de todos nós, aquilo que desejamos ocultar de nós mesmos. Vejam: eu vou tomar esse negócio do maluco (tira um objeto; o louco tem reação bipolar de raiva e medo, de agressão e fuga) Viram? Chora e grita, tenta atacar e sente medo. É uma criança. São vocês mesmos. Vocês não sentem raiva do que fiz? Vocês se identificam com os loucos. Ou então comigo, o que seria pior ainda.

Eu prefiro os que se identificam com os doentes mentais. Possuem menos barreiras, menos proteções, uma casca mais fina. Estão mais perto de nossa verdadeira natureza. A mente deles é um caos, mas pelo menos não é monótona. Olhem, todos nós nos vestimos do mesmo modo, não é? Se eu fosse louco, poderia ter uma aparência diferente, como aquele ali. Eu poderia vestir a camisa como calça, a calça como camisa, e colocar a cueca na cabeça, como gorro. Que tal? É feio? É diferente, não é? Não está de acordo com as regras. Pois é assim que deve ser. Quero despertar vocês.

(entra Anita, um pouco antes do fim desta fala, e fica observando)

Asclépio - Oi, Anita! Venha cá. Está me procurando?

Anita - Não. Vim vê-los (aponta). Aproveitei porque sabia que você estava aqui.

Asclépio - Por que? Tem medo? São tão inofensivos que andam livremente pelas ruas. Não há o que temer. O que tememos é a nossa própria sombra, não a eles.

Anita - Não, eu não tenho medo deles. Eu gosto dos loucos. Gosto de observá-los, e tentar sentir o mistério de suas ações. Sinto-me tão próxima a eles... Mas o meu marido não gosta que eu venha aqui. Fica preocupado. Por isso, vim hoje, que você está aqui. (Rômulo está soprando bolhas de sabão) Olhe, que linda aquela bolha de sabão!

Asclépio - É, bonito. As cores são o resultado da interferência luminosa nas paredes da película transparente.

Anita - Ela cresce, cresce, incha... Sabe, eu tive um sonho, nesta noite.

Asclépio - É?

Anita - A bolha me recordou a sensação que tive, certa hora. Quer ouvir o sonho?

Asclépio - Pode contar, eu vou tentar interpretar.

Anita - Neste sonho...

Eu estava andando pelas ruas de uma cidade. Talvez seja esta, ou outra qualquer. Muita gente em volta, andando como sonâmbulos, como todos nós andamos. Surdos e cegos. Movidos por

seus hábitos, fazendo tudo mecanicamente. Nem sei se são seres humanos ou máquinas, robôs. Eu também caminho, mas quero parar. Quero acordar, e dizer-lhes que despertem, que acordem, que olhem em volta, e que vejam que existe a beleza e existem as outras pessoas. Quero mostrar-lhes que é possível agir despertados. Que toda ação ou trabalho pode ser feito com beleza e amor, por mais simples que seja. Quero pará-los, falar-lhes, gritar-lhes isso. Mas também eu caminho, sem conseguir parar. Caminho todo o dia. Estou exausta. Ando e não consigo fazer o que preciso fazer. Meu corpo dói, estou angustiada.

Anoitece, e estou em um subúrbio da cidade. Sento-me na sarjeta, não sei o que fazer. Estou vazia. Há uma criança suja e linda, ao meu lado esquerdo. Acaricio sua cabeça, mas ela salta, corre à minha volta várias vezes, rindo-se, como se zombasse de mim, mas não fico com raiva. Depois, saltando, vai embora. Levanto-me e a sigo.

Agora, estou fora da cidade, caminhando pelo mato. Caminho às cegas, não sei onde está a menina, e não sei o que fazer. Paro em uma clareira. Tudo está escuro e amedrontador. Estou só, cercada por árvores mudas, mas que gemem e murmuram. Olho para cima, e vejo o céu. As estrelas brilhando. As estrelas! As minhas estrelas! É o lugar que quero atingir. Mas estão longe, piscando, tão sós quanto eu própria...

De repente, sinto que meu corpo incha, vai crescendo como uma bolha de sabão, minha cabeça vai subindo, passa acima do topo das árvores! Estou enorme e brilhante! Estendo os braços, fico na ponta dos pés, e a ponta de meu dedo toca uma estrela. Há uma explosão de cores e luzes em volta de mim, um mergulho e uma queda, um atordoamento e um despertar ou adormecer. Vejo-me caída, deitada, na clareira. É dia, há um sol lindo no céu, e à minha frente existe uma trilha que atravessa a mata. Levanto-me, contente, e caminho por ela. Não sei para onde ela me leva, e não importa, o que interessa é andar por ela. Ela é bonita. Já não há angústia ou tensão. Estou em paz, e desperto. (pausa) Foi este o sonho, Asclépio.

Asclépio - Você não sabe o que o sonho significa? A interpretação é muito clara.

Anita - Não, eu não sei. Sei que tudo isto parece vir de longe, de um lugar que nem sei de onde conheço, de outra realidade. Sei que o sonho me pareceu muito importante, e por isto eu o escrevi.

Asclépio - Sim, vem de um lugar distante... de seu inconsciente. O final do sonho, sabe, é muito simples. Você incha, se torna brilhante, sua cabeça sobe, e atinge as estrelas. E isso resolve o problema. Sabe o que é isso? Freud explica. Vamos. Você sabe. O que é que sobe e incha, aumenta de tamanho? Aí está, eu nem precisaria dizer. É o falo, o pênis, o pau de um homem. Sabe a origem da palavra "falo"? Significa "brilhante, luminoso". A ereção faz com que você atinja as estrelas, e quando você as toca, atinge o orgasmo. Depois disso, está leve e relaxada. Não pensa mais em nada. Caminha sem direção, e não tem mais problemas.

Anita - E você acha que é só isto o que a gente contém? Só sexo?

Asclépio - O que mais? Só os instintos são fundamentais. O resto é casca, e invólucro.

Anita - Mas o sonho era tão lindo... me pareceu tão importante, senti-me tão pura...

Asclépio - Atrás dessa pureza, há a natureza, o sexo. Os instintos.

Anita - Mas a tentativa de abordar as pessoas na rua, e mostrar-lhes a beleza neles mesmos, no que fazem, no mundo... o que significa isso? Há algo oculto aí, também?

Asclépio - É a insatisfação infantil, o desejo de retorno ao paraíso. Lembra-se da menina do sonho? Eu sei o que você sentiu, pois eu também já senti isso. Vou lhe contar outra estória, esta é minha.

## A grande máquina

Era uma vez uma criança. Ela era, como todas as crianças, muito desastrada, e nada sabia fazer, direito. Os pais e os irmãos mais velhos zombavam dela. Ela percebeu que nada sabia fazer. Que a beleza e a perfeição estavam longe dela. Achou que só os adultos sabiam fazer as coisas certas, perfeitas. Então, ela foi crescendo. Resolveu que, quando fosse grande, seria como seus pais e irmãos. Mas continuava sem saber fazer algo que o satisfizesse. Já com 14 anos de idade, começou a descobrir que muita gente mais velha do que ele tampouco sabia fazer algo. E se tornou crítico, e sua crítica se voltou agora para fora. E suas primeiras vítimas foram os que estavam à sua volta. Seus irmãos e seus pais. Viu que eles eram fantoches imperfeitos e feios, que o haviam enganado. Que nem eram movidos pelo amor e pela beleza, nem produziam essas coisas. Tentou desculpá-los, mas não conseguiu. E explodiu o ódio contra a farsa em que vivia. Veio a desilusão e o desprezo pelos que pactuavam com a imperfeição e a feiura. Abandonou a casa, e procurou outros ídolos. Conheceu muitos e destruiu a todos. Não encontrou quem pudesse admirar. Então ele voltou as costas à humanidade, e gritou: "você não prestam! Seus merdas, você não amam a beleza e a perfeição! Você não sabem fazer nada, você não são nada, seus putos!"

Decidiu isolar-se da sociedade. Mas ainda acreditava em si próprio, e acreditava que fosse possível atingir o cume da montanha. O mais duro despertar foi aquele em que entendeu que era como os outros. Mas não quis fingir. Procurou então os párias, os imundos, os que não fingiam saber algo, e uniu-se a eles.

Anita - E depois?

Asclépio - Depois, nada. Não há mais nada. Ele encontrou a verdade sobre o homem, e chegou ao fim da picada. Você ainda não chegou.

Anita - Talvez esteja perto disso. Perto demais, Asclépio. Mas não há nada além disso?

Asclépio - Outra interpretação? Você vê outra?

Anita - Não. Talvez seja só isso.

Asclépio - Você não pode esperar algo mais bonito de mim. Aqui também não há beleza, há baixeza e ódio. Se você quer outra interpretação, deve pedi-la a outro tipo de pessoa. Aquele louco, por exemplo (aponta Rômulo) Veja suas roupas, que interessantes. Dizem que é um artista, que faz coisas bonitas.

Anita - Não zombe, Asclépio!

Asclépio - Falo sério! Não estou zombando! Venha cá, você! (Rômulo se aproxima) Qual é o seu nome?

Rômulo - Não quero dizer. Você não entenderia.

Anita - Já ouvi o nome. Não o chamam de Rômulo?

Rômulo - É, o pessoal me chama de Rômulo.

Asclépio - Ouça, Rômulo: Anita teve um sonho, e quer saber o que significa. Quero que você a ajude a entendê-lo. Conte, Anita.

(Anita vacila; Rômulo chama os outros loucos para perto, e eles se acercam. Anita começa:)

Anita - O sonho foi assim:

(ouve-se a voz de Anita, gravada, repetindo o mesmo sonho; Rômulo a toma pela mão, e junto com ela e com os outros loucos interpreta - teatralmente - o sonho, sem dizerem uma palavra. Ao final, Anita e Rômulo se abraçam, e saem caminhando, devagar. Os loucos

aplaudem, e Asclépio fica inicialmente com cara de imbecil. Os loucos mostram a nova faixa:  
"Quarto ato: a montagem da Grande Máquina")

## QUARTO ATO

(fica apenas Asclépio em cena, pensativo, saindo do museu)

Asclépio - Creio que ela achou o que queria. Vocês devem saber que os loucos possuem uma força extraordinária. Além disso, os que não são impotentes são verdadeiros ganhões. Ela vai chegar facilmente às suas estrelas.

(o Mecânico está parado, em um canto; Asclépio se aproxima dele)

Asclépio - Quem não vai gostar disso é o Mecânico. Olá! Escute, você é impotente?

Mecânico - Não estou entendendo.

Asclépio - Você funciona? Ou é "brocha"?

Mecânico - Você resolveu encher o saco de todo mundo, não é?

Asclépio - Sabe que Anita está sexualmente insatisfeita? E que agora deve estar trepando como louca, com um louco?

Mecânico - Você não tem mais nada a fazer? Vá inventar estórias em outro canto. Não venha me colocar mais problemas na cabeça, porque já tenho muitos.

Asclépio - Bem, se preferir, não acredite. Até logo.

(Asclépio sai. O Mecânico fica parado, no mesmo lugar, imaginando o que pode estar ocorrendo. Pensa que o Professor quer apenas enganá-lo, mas de vez em quando começa a ter ciúmes e a temer que seja verdade. O Mecânico permanecerá visível, parado, pensando, até a cena em que é abordado pelo Mestre. Enquanto isto, há uma seqüência de cenas, em que aparecem Anita e Rômulo em cena; nelas, há uma representação muda, "ao vivo", e ao mesmo tempo há projeção de slides em uma tela muito grande, enquanto ouvem-se as vozes de Anita e Rômulo, gravadas. Na cena seguinte, Anita e Rômulo estão próximos um ao outro, e se olham e tocam, conhecendo-se e acariciando-se, mas mantendo alguma distância. Ouve-se a gravação do diálogo abaixo, e são apresentados os slides correspondentes:)

Anita - Vamos, faça algo bonito. Quero aprender a fazer o que você faz.

Rômulo - Você não pode fazer o que eu faço. Pode fazer o que você faz.

Anita - Faça qualquer coisa, quero ver.

Rômulo - Está vendo isto. O que é?

Anita - É um tubo.

Rômulo - Não. É uma montanha. Você não vê corretamente. Tente de novo.

Anita - Agora você já disse, é uma montanha.

Rômulo - Mas você não viu isso. E já não é mais, ou melhor, não é só isso. O que mais é?

Anita - Não sei. Acho que é um bonito tubo enferrujado.

Rômulo - Não vê estas cascas? É o tronco de uma árvore!

Anita - Sim. Tem alguma semelhança. Mas para que serve esta brincadeira? Qualquer resposta vale?

Rômulo - Claro que não. Isto não é um lago. Mas é a sua coluna vertebral.

Anita - Já sei... isto é uma cobra! (apalpa e sente o tubo)

Rômulo - Isso! Você está entendendo!

Anita - Não, não estou entendendo... mas agora me parece um peixe... essas são as escamas... um peixe que vai saltar da água!

Rômulo - Exatamente!

Anita - É uma coisa incompreensível; é uma montanha, é uma serpente, é uma árvore...

Rômulo - É o arado que fecunda a terra. Trate-o com carinho. O mundo inteiro depende dele.

Anita - Como cuidar dele?

Rômulo - É preciso untá-lo com manteiga ou saliva, e esfregá-lo bem.

Anita - E o que faremos com ele?

Rômulo - Agora que você o conhece, podemos fazer algo. Em que posição ele deve ficar?

Anita - De pé, é claro.

Rômulo - Sim. Mas não vertical. Inclinado para o norte

Anita - A ponta está ligada à terra...

Rômulo - No topo há o verde...

Anita - Acima há as nuvens, que cercam o cume!

Rômulo - Dentro, há o fogo sagrado, que brota de sua ponta!

Anita - Lindo! Lindo!

Rômulo - Tronco divino, seja-nos propício.

(somem Rômulo e Anita. O Mestre se aproxima do Mecânico.)

Mestre - Senhor Mecânico, estamos seriamente preocupados com sua esposa.

Mecânico - Sim? O que foi? Asclépio andou lhe contando besteiras, também?

Mestre - Asclépio? Não. É que eu a vi brincando junto com um louco. Enterravam um tubo velho no chão, e o cobriam com folhas e flores. E ela parecia estar gostando daquilo, levando a sério.

Mecânico - Ora, isso não tem nada demais.

Mestre - Bem, só queria avisá-lo. Passar bem.

(sai o Mestre; o Mecânico fica pensando; depois de algum tempo, sai para procurar Anita. Passa por perto de onde ela e Rômulo estão. Enquanto isso, Anita e Rômulo representam uma cena de solidão e busca mútua. São projetados slides correspondentes às falas abaixo.)

Anita - Esta esfera oca é a lua.

Rômulo - É um poço, também. Em seu fundo existe água.

Anita - Mas não tem fundo. É um túnel sem fundo, a alma da Terra, em cujo fundo se vê o céu.

Rômulo - É uma boca. Eis os dentes.

Anita - Ela engole a alma dos mortos.

Rômulo - É uma gota de água do mar.

Anita - É uma concha. Nela há uma pérola.

## A grande máquina

Rômulo - Há tesouros brilhantes, lá dentro.

Anita - Sua superfície está porejada de gotas de suor.

Rômulo - Ela engole essas flores azuis.

Anita - Aqui está um espelho. E ela é o seu próprio reflexo.

(o Mecânico e Asclépio surgem em cena; encontram-se.)

Mecânico - Eu fui procurar Anita, e não a encontrei.

Asclépio - Ela estava no museu. Deve estar lá perto.

Mecânico - Procurei por toda a cidade, e não a vi.

Asclépio - Vamos procurá-la juntos. Eu sei onde ela está.

(saem Asclépio e o Mecânico; continua a cena de Anita e Rômulo; eles se encontram, e seus braços e mãos começam a se ligar. Ao mesmo tempo, ouvem-se, as gravações e vê-se os slides correspondentes:)

Anita - Esta corrente transmite o movimento de um lado para o outro.

Rômulo - É a ponte de energia entre o céu e a terra.

Anita - O céu fecunda a terra com a chuva que desce.

Rômulo - Desce por um tubo de luz uma cadeia de flocos de cristal.

Anita - Da terra crescem as flores, que agradecem aos céus a chuva.

Rômulo - Sobem vapores, e a água retorna ao céu.

Anita - Céu e Terra estão interligados e unidos.

Rômulo - Isso são os ramos e as raízes que se espalham e ligam a árvore ao mundo.

Anita - É a luz que liga nossos olhos.

(Asclépio e o Mecânico passam perto de Anita e Rômulo:)

Asclépio - Onde podem ter se metido?

Mecânico - É estranho... deveriam estar por aqui! Sinto que estão próximos. Mas não os encontro. (saem)

(Anita e Rômulo se abraçam e beijam, no prosseguimento da cena)

Anita - Quem é ele?

Rômulo - Este, a quem coloco no alto e adoro, é o sol. Veja como brilha. É de ouro vivo. (uma roda ou engrenagem)

Anita - Sinto o calor de seus raios em mim... não posso tocá-lo, ele me queimaria!

Rômulo - Ele a ferirá e matará se você se aproximar dele de modo incorreto. Você deve se aproximar pela frente. E adorá-lo, antes de tocá-lo.

Anita - Senhor, amigo, meu calor, fonte de meu fervor! Aqui estou eu, e quero mergulhar em sua luz, e receber e sentir pulsar em mim sua energia! Seja-me gentil, pois sei que pode destruir-me!

Rômulo - Os outros que o vêem podem não reconhecê-lo. Vamos mostrar quem ele é. Vamos colocar seus raios, que fazem brotar a erva dos campos.

Anita - Seus raios são feixes de trigo.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rômulo - Seu brilho são as flores brancas que brotam de sua face.

Anita - Ó sol, meu deus, não há outro mais belo!

Rômulo - Ele nos sorri, vê? Ele nos agradece nosso carinho. Já o adoramos. Até logo, mestre e amigo!

Anita - Até logo, meu senhor!

(em cena, Rômulo e Anita param de beijar-se. Separam-se um pouco, dão-se as mãos, e caminham pelo palco, amorosos. Anita separa-se e examina as coisas que estão à sua volta. A projeção terminou. Eles falam, em cena:)

Anita - Estou entendendo cada uma das peças... mas isso são partes. E a máquina completa? Não podemos construir a grande máquina?

Rômulo - A máquina! Você quer montá-la?

Anita - Sim, queria. Gostaria de ver o conjunto, a unidade.

Rômulo - A máquina! Você quer montá-la! Há quantos séculos esperei por este dia, o dia em que encontraria uma companheira para a grande obra! A partir de agora, você terá um novo nome: vai se chamar Iza. E este nome significará: "aquela que busca o infinito."

Iza - Iza... eu me chamo Iza!

Rômulo - Estou aqui há tanto tempo, apenas para montar a Grande Máquina... e só agora alguém me pede isso... nós a montaremos, Iza!

Iza - Vamos reunir todas as peças!

Rômulo - Sim, vamos correndo! Hoje mesmo ela estará pronta!

Iza - Por que você ainda não a montou?

Rômulo - Não posso fazer isso sozinho. Duas pessoas precisam morrer para montá-la. Uma só não poderia.

Iza - Então, vamos morrer? Mas eu quero viver!

Rômulo - Não tente entender e parar o movimento! Vamos!

Iza - Vamos! (saem)

(entra o Mecânico, pensativo e cansado; em um canto, surgem Ana e Nelson; estão agachados)

Mecânico - Já quase terminou a noite, e não os encontrei... Parece que se evaporaram, ou passaram para uma outra dimensão. É como se... sei lá o que está acontecendo...

Ana (sussurrando) - Mecânico!

Nelson (sussurrando) - Ouça!

Ana - Nós vimos os dois!

Nelson - Estavam no museu!

Mecânico - Mas como!? Passei por lá várias vezes! Estavam escondidos?

Ana - Não.

Nelson - Sim.

Ana - Estavam lá.

## A grande máquina

Nelson - Junto ao saguão.

Mecânico - Lá no saguão do museu não há lugar onde eles pudessem se ocultar. Eu os teria visto.

Ana - Eles não quiseram ser vistos por você.

Nelson - Estavam reunindo todas as peças da Grande Máquina.

Ana - Eles vão montá-la.

Nelson - Ou já montaram.

Mecânico - Se ela está lá, vou buscá-la.

Ana - Não vá.

Nelson - Asclépio está lá.

Ana - Ele os observa.

Mecânico - Anita não veio para casa, esta noite. Não vou ficar esperando. Vou procurá-la.

Ana - Anita não existe mais.

Nelson - Mas quando ela morreu, nasceu Iza.

Ana - E em breve não terá mais nome.

(entra Asclépio, pensativo)

Asclépio - Eu os vi, Mecânico. Estão no Museu.

Mecânico - E o que estão fazendo lá? Por que não trouxe Anita?

Asclépio - Nem pensei nisso. Só fiquei observando. (pausa) Estavam montando a Grande Máquina.

Mecânico - E o que me interessa isso? Você se esqueceu de que estávamos procurando Anita para trazê-la de volta à casa?

Asclépio - Ela certamente não viria, a não ser à força. E isso eu não faria.

Ana - Ela não viria, a não ser à força.

Nelson - Mas isto Asclépio não faria.

Ana - Foi por isso que ele os viu.

Mecânico - Vou até lá. (sai)

Asclépio - Que coisa estranha estavam fazendo... tudo loucura, mas não consigo parar de pensar nisso, é como se houvesse um sentido...

Ana (do escuro) - Havia um sentido.

Nelson - Faziam coisas estranhas...

Asclépio - Tratavam as peças com carinho, conversavam com elas, e as uniam de acordo com regras absurdas... pela semelhança de gosto, de textura, de forma...

Ana - As peças estão vivas.

Nelson - Eles lhes deram almas.

Asclépio - Adicionaram flores, e depois começaram a colocar-se no meio da própria montagem... prendiam peças ao corpo, e entravam no mecanismo...

Ana - Eles fazem parte da máquina.

Nelson - É tudo uma só coisa. (sOMEM)

Asclépio - Passaram horas assim, sem perceber que eu os observava, ou talvez sabendo. Não creio que as conexões que fizeram possam funcionar, mas tudo isso me deixou impressionado. Gostaria de entender... é como se houvesse algo oculto, por trás disso...

(o Mecânico entra, devagar, carregando uns papéis; pára)

Mecânico - Asclépio!

Asclépio - Não os encontrou?

Mecânico - Não... não estavam lá.

Asclépio - Você deve estar cego!

Mecânico - Mas havia algumas coisas escritas, por lá... nas paredes, em um papel, no chão e em uma folha seca. Parecia escrito com sangue. Era a letra de Anita.

Asclépio - E o que estava escrito?

Mecânico - Eu os copiei. Ouça:

"A obra está completa. A união foi perfeita, e agora o que está dentro é como o que está fora."

"Aproxima-se uma grande luz. Eu tremo de medo, de ansiedade, e no entanto vou a seu encontro. Ela me queima, me destrói, e agora eu também sou luz!"

"Agora começa tudo. A grande caminhada em direção à outra margem, que consegui antever. Não serei serpente, cavalo ou leão. Aquilo que não tem nome, isto serei."

"Já deixo este mundo. Adeus, meu mecânico! Adeus, Asclépio, Marta, Anita. Sigo meu sonho, e caminho em direção à mata e às estrelas."

(aparecem Nelson e Ana)

Nelson - Atravessaram a barreira!

Mecânico - Foram para o pântano!

Ana - A Grande Máquina desapareceu.

Mecânico - Foram-se! Anita enlouqueceu totalmente!

Asclépio - Não creio. Não, nenhum dos dois está louco. Não são como nós, mas não são loucos.

(entra Marta; o Mecânico não os ouve, em sua dor)

Marta - O que aconteceu com Anita?

Asclépio - Ela e Rômulo passaram a noite montando a Grande Máquina. E montaram. Agora, atravessaram a fronteira.

Marta - Mas não devem estar longe. Não se pode impedi-los?

Asclépio - Não. Não podemos alcançá-los, Marta. Olhe, deixe-me tentar explicar. Acho que estou entendendo. Não compreendo os detalhes, mas sei que eles estão mais corretos do que nós todos. Veja, Marta, eles em um dia conseguiram o que eu sempre desejei! Aquilo que eu julgava impossível, eles o fizeram. Atingiram a perfeição e a beleza, e, por meio disso, a felicidade.

Marta - Mas como conseguiram isto?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

## A grande máquina

Asclépio - É complicado demais, ou simples demais, para se entender conceitualmente. Eles usaram as partes da mente e do corpo que nunca pensei em utilizar. Usaram o inconsciente, as emoções, as intuições. Usaram suas bocas, sua pele e cabelos. Usaram tudo para montar a máquina, e agora estão libertos. Rômulo talvez já o fosse. Agora, Anita também está. Anita, não. Foi Iza quem se libertou.

Marta - E o que é a máquina?

Asclépio - Ela não tem importância, e não existe, sem eles. Somente sua construção importa. E cada pessoa precisaria descobrir como montá-la.

Marta - Você estava certo, então, sobre a finalidade da máquina?

Asclépio - Não. Eu não a entendia corretamente. Agora acho que a compreendo, mas posso dizer muito pouco. Ela serve para unir ao universo, ela permite participar das energias e da grande evolução cósmica. Ela destrói a estagnação, quebra as barreiras e leva ao novo mundo.

Mecânico - Só o que sei é que estão longe. Seguiram seu sonho, e ultrapassaram a fronteira. Talvez estejam mortos. Ou enlouqueceram, agora.

Marta - Você não acredita nisso. Finge acreditar, mas não crê. Você pensa que estão loucos, desde o início.

Mecânico - Talvez. Mas se eles voltassem, eu tentaria entendê-los.

Marta - Entendê-los como Asclépio?

Mecânico - Talvez. (pausa) Ou talvez como Yuri.

Marta - Yuri?

Yuri - Sim. Este é o meu nome.

Asclépio - "Se eles voltassem..." Para que pensar nisto? Tivemos uma oportunidade, e não aprendemos tudo o que podíamos.

Marta - Eles voltarão. Eu sei.

Asclépio - É bom sonhar.

Marta - Um dia, eu gritarei: "eles voltaram, Asclépio!"

(entram os três Jograis)

Jograis - Eles voltaram, Asclépio!

Asclépio - Quando? Onde estão?

Jogral 1 - Rômulo e Iza.

Jogral 2 - Chegaram à aldeia.

Marta - Como estão eles?

Jogral 1 - Felizes.

Jogral 3 - Poderiam estar diferentes?

Jogral 2 - Penduraram à janela do Mestre uma linda pedra, envolta em cipós e flores vermelhas.

Jogral 3 - Eles trazem notícias do outro mundo.

Asclépio - O que dizem eles de lá?

Jogral 1 - Dizem que não existe.

Jogral 2 - Que todo o universo está aqui.

Jogral 3 - Que não há pântano a atravessar.

Yuri - Isso não é possível. E todos os loucos que já vieram até aqui?

Jogral 1 - Rômulo diz que não são loucos.

Jogral 2 - E que jamais vieram de lugar algum.

Jogral 3 - E, de fato, eles são como nós.

Yuri - Mas onde estão eles? Quero vê-los, quero ver como está Anita.

Jogral 1 - Anita morreu.

Jogral 2 - Esqueça-se dela.

Yuri - Quero entendê-los. Quero que me guiem e me mostrem o seu mundo.

Jogral 1 - Podemos levá-lo.

Jogral 2 - Mas eles não o guiarão.

Jogral 3 - Certamente que não.

Yuri - Serão capazes de me desprezar, assim? Olhem, é preciso dizer-lhes que só desejo aprender, que nada de mal tenho contra eles.

Jogral 1 - Podemos dizer-lhes.

Jogral 2 - Mas eles nada ensinarão.

Jogral 3 - Certamente que não.

Yuri - Terei me enganado com eles? Como podem deixar de aceitar-me? Digam-me, eles tem raiva de mim?

Jogral 1 - Não, eles não têm.

Jogral 2 - Eles gostam de você.

Jogral 3 - Ficarão felizes por vê-lo.

Yuri - Então, por que não poderão me dar a felicidade, se eles a atingiram? Por que não me guiam, por que não me ensinam a ser como eles?

(entram Iza e Rômulo)

Rômulo - Se não existe um guia, como pode haver alguém guiado?

Iza - Se não há o que aprender, como poderíamos ensinar?

Rômulo - Nós nada temos, a não ser amor.

Iza - Dê-me um abraço. Nada mais nos peça. (abraça Yuri)

Rômulo - Você de nada precisa.

Asclépio - É bom vê-los de volta. Somente agora entendi o que vocês fizeram.

Iza - E o que fizemos?

Asclépio - Não adianta explicar. Se eu tentar, vocês vão me deixar confuso, e dizer que não é. Mas não é preciso explicar. Está tudo certo. Vocês montaram a Grande Máquina.

Marta - Onde está ela?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

## A grande máquina

Rômulo - Aquela? Aquela não interessa mais.

Marta - Onde vocês a deixaram?

Rômulo - Ela está aqui.

Iza - Há outras a montar. A aldeia está cheia de coisas e de pessoas desconexas.

Rômulo - Não há um fim, no tempo.

Iza - A montagem deve prosseguir, sempre nova, a cada instante, com novas pessoas e novas peças.

Rômulo - Vi sempre-vivas perto do chiqueiro. E uma linda garrafa quebrada ali fora.

(saem Rômulo e Iza, e os Jograis. Vão para a saída do teatro, onde ficarão "brincando" com flores, peças, etc. Yuri pensa um pouco e os segue. Ficam Marta e Asclépio.)

Marta - Por que não vai junto?

Asclépio - Estou pensando.

Marta - Mas você sabe que não basta pensar.

Asclépio - Eu sei. Mas estou pensando.

Marta - Você não quer aprender com eles?

Asclépio - Sim. Quero.

Marta - Não quer. Não pode.

Asclépio - Eu quero.

Marta - Não. Não é capaz. Não adianta.

Asclépio - Por que não?

Marta - Porque você os entendeu. Seguí-los, agora, não seria uma loucura. Seria jogar com cartas marcadas.

Asclépio - Sim. Eu compreenderia o que ocorresse. Mas ficaria de fora.

Marta - Isso não seria honesto.

Asclépio - Isso não funcionaria. Isso... sei lá. De fato, não posso ir com eles. Para isso, precisaria entrar em sua loucura, e não consigo. Só consigo entendê-los e admirá-los.

Marta - Sim. Eu também não posso ir.

Asclépio - Você é minha irmã. É como eu.

Marta - Sim. Pensamos do mesmo modo. Não daria certo.

Asclépio - Mas muita gente pode ir.

Marta - Sim. Muitos dos que estão aqui. Podemos pelo menos mostrar-lhes isso. Também é um papel bonito, não é?

Asclépio - (ao público) Vocês todos, o que estão fazendo aí?

Marta - Amigos, vocês estão no lugar errado. O lugar certo é lá fora.

Asclépio - Iza e Rômulo estão lá na saída do teatro, brincando.

Marta - Quem quiser, pode ir ter com eles, e brincar com eles. Verdade, qualquer um pode.

Asclépio - Não é verdade. Olhem: não é qualquer um que pode ficar com eles.

Marta - É preciso julgá-los loucos. É preciso duvidar do que eles fazem. É preciso não ter entendido o que Asclépio disse.

Asclépio - É preciso não acreditar que essa brincadeira vão levá-los a coisa alguma.

Marta - E, no entanto, é preciso achar linda essa loucura.

Asclépio - E mergulhar nela, de corpo e alma.

Marta - Todos os que puderem, vão embora, por favor.

(acendem-se as luzes da platéia)

Asclépio - Só fiquem os que concordarem comigo. Os que concordam que deveriam ir embora, mas não podem fazê-lo.

Marta - Só fiquem aqui os que são incapazes de brincar.

Asclépio - Como nós.

Marta - Como nós. (grande pausa) E esse pessoal? E nós?

Asclépio - O caminho de Rômulo nos está vedado.

Marta - Existe outro?

Asclépio - Tão direto quanto este, não.

Marta - Existe outro? (pausa)

Asclépio - Acho que não. Mas de qualquer forma, podemos ajudá-los, falar deles, conseguir levar a eles mais pessoas.

Marta - Se você não os entendesse...

Asclépio - Não é possível seguir este caminho, se ele é compreendido e reduzido à razão.

Marta - Se houvesse outro caminho, absurdo...

Marta (alegrando-se) - Há alguém que podemos seguir.

Asclépio - Quem?

Marta - Uma pessoa em quem não confiamos. Cujas idéias e métodos são absurdos, e a nada podem levar.

Asclépio - Há muitos assim. Mas nós não seremos capazes de ir atrás deles, porque somos racionalistas. Você seguiria o Mestre, por exemplo?

Marta - Não. Mas há pelo menos um que conseguiríamos seguir.

Asclépio - Duvido.

Marta - É Asclépio.

Asclépio - Eu? Como posso seguir-me a mim próprio?

Marta - Você pode. E deve.

Asclépio - Não sei se estou entendendo... (começa a alegrar-se)

Marta - Nem eu. Mas veja que idéia estranha me ocorreu: nós sabemos que você tem sido um perfeito idiota, e a nossa situação atual, incapazes de seguir Rômulo, é a melhor prova disto.

Asclépio - De acordo.

Marta - Nós chegamos à conclusão de que o raciocínio não é o caminho da felicidade.

## A grande máquina

Asclépio - Concordo.

Marta - Então, não adianta continuar a fazer o que você sempre fazia.

Asclépio - Exatamente.

Marta - E por isto queremos mudar. Vamos fazer algo absurdo, ao invés de sermos racionais. E o absurdo que vamos fazer será o de sermos racionais até as últimas conseqüências!

Asclépio - E isso não pode levar a coisa alguma! (abraçam-se)

Marta - Exato! É uma loucura querer continuar do mesmo modo!

Asclépio - E nós vamos seguir esta loucura!

Marta - Não é lindo, isto? Não é este o nosso caminho?

Asclépio - É muito bonito... e é a única saída.

Marta - Errado. Não temos saída alguma. Estamos perdidos.

Asclépio - Então, mergulhemos de cabeça nisso!

Marta - De corpo e alma!

Asclépio - Vamos até o fundo dessa coisa sem fundo. Vamos desenvolver em nós o raciocínio, a inteligência, e ajudar os outros a fazer o mesmo, embora sabendo que isso não conduz à felicidade.

Marta - Sim. E como seria absurdo que isso levasse à felicidade, é claro que conduzirá.

Asclépio - É claro. E como é claro, não dará certo.

Marta - Pessoal! A peça terminou!

Asclépio - Não vamos mais representar. Terminou o espetáculo. Chega de teatro. Agora, a gente tem mais coisas para fazer.

Marta - Fique quem, sem entender bem, queira seguir conosco este sonho.

Asclépio - Só fique aqui, agora, quem quiser participar, conosco, da construção da Grande Máquina.

(aparece um cartaz: "Reunião do grupo de estudos da Grande Máquina: aqui, agora." Marta, Asclépio e outros fazem uma reunião com os interessados, enquanto Rômulo, Iza e outros brincam com os que quiserem segui-los, pela cidade.)

FIM

